

Maílson não aceitará novo choque econômico

O ministro da Fazenda deixará o governo se houver mais um pacote

JOÃO BORGES
e PAULO FONA

BRASÍLIA — A gangorra em que se transformou a cadeira do ministro da Fazenda nos últimos dias não está sendo impulsionada apenas pelo caso Nahas e seus desdobramentos. Numa conversa há cerca de dois meses, os ministros Maílson da Nóbrega e João Batista de Abreu, da Seplan, fecharam posição contra qualquer tentativa, de dentro do governo, de aplicação de um novo choque na economia. Convencidos do "desastre" que seria outro choque, os ministros concluíram: não vale a pena, sob nenhum argumento, incluir em seus currículos mais uma tentativa de controle da inflação. Agora, mais do que nunca, seria uma cartada ditada pela conjuntura político-eleitoral.

"Nossas famílias ficariam muito felizes", comentou recentemente o ministro da Fazenda, a propósito da hipótese de ele e Abreu passarem a direção da economia a outras pessoas, dentro de um acordo político que está sendo tentado pelo governo. O grande medo de Maílson é o de que uma inflação acima de 20%, como a esperada para este mês, estimule as forças políticas do governo Sarney a pressionar por mais um choque ou qualquer outra providência ditada pelo im-



Ricardo Chaves/AE - 29/3/89

Maílson: emprego em Londres

proviso. Maílson pode ficar no governo, sem choque. Se o governo tender para a idéia do choque, ele deixará o Ministério da Fazenda.

Maílson não despreza o cargo de ministro. Pelo contrário. Ele reconhece que, além da vaidade trazida pelo exercício do poder, há o acúmulo de experiência profissional. No entanto, o "brutal" desgaste a que já se submeteu lhe dá muita angústia. O episódio Elmo Camões, por exemplo, é muito delicado para o ministro da Fazenda. Camões, todos sabem, chegou ao Banco Central pela sua amizade com o presidente José Sarney. Mas continuar no Ministério da Fazenda em companhia de Elmo Camões seria, indiretamente, aceitar a convivência com um escândalo de grandes proporções. Maílson não ficaria no governo se Camões permanecesse na presidência do BC.

O escândalo Naji Nahas, que trouxe a público o envolvimento da Corretora Capitânea, de propriedade de Elmo Camões, foi o suficiente para o ministro dizer claramente ao presidente José Sarney, em três oportunidades, que não haveria hipótese de continuar a convivência entre ele, Maílson, e o presidente do BC. O ministro já teria até sua opção profissional, caso deixasse agora o governo: aceitar um convite para trabalhar numa agência do Banco de Boston em Londres. Mas sua assessoria de imprensa não confirma isso.

As informações de que o governo estaria preparando um choque ortodoxo para tentar de novo corrigir os rumos da economia e evitar a hiperinflação têm duas interpretações no Ministério da Fazenda. Como nenhum dos assessores de Maílson participa desses estudos, há quem veja no vazamento dessas informações uma tentativa de isolamento dos ministros da área econômica para apressar uma reforma com um acordo político.

"Não vejo no presidente Sarney nenhuma manobra para afastar os ministros", disse ontem uma fonte do Palácio do Planalto. A segunda interpretação que se faz no Ministério da Fazenda é de que há no Congresso Nacional um lobby montado para vender algumas sugestões de mudança na política econômica, em segmentos interessados em negociar diretamente com o Palácio do Planalto, atropelando os ministros Maílson e João Batista de Abreu.